

A VULNERABILIDADE BRASILEIRA FRENTE AO DESMONTE DA INDÚSTRIA NACIONAL DE FERTILIZANTES

THE BRAZILIAN VULNERABILITY AND THE DISMANTLING OF THE NATIONAL FERTILIZER INDUSTRY

Luciano Rezende Moreira
Professor do Instituto Federal de Brasília – IFB
luciano.agronomia@gmail.com

Juliana de Castro Marques
Graduada em Geografia – Uerj
juliana.marques.castro@outlook.com

Leandro Teixeira da Silva
Graduando em Ciências Sociais – Unesp
teixeira.silva@unesp.br

Grupo de Trabalho (GT): GT2. Governança e gestão do agronegócio.

Resumo

Em que pese a demanda por fertilizantes aumentar a cada ano no Brasil, a produção destes insumos diminui a cada ano, desde a adoção do modelo neoliberal no país. A consequência disso é um contínuo processo de elevação dos custos de produção e dependência externa. Menos de duas décadas após a aplicação do receituário neoliberal no país, apenas quatro grandes grupos empresariais dividem entre si a participação nesse complexo industrial, controlando aproximadamente 70% da produção de fertilizantes no Brasil. O presente trabalho, a partir de revisão bibliográfica e análise de dados de fonte oficiais, parte da hipótese de que uma agricultura soberana de qualquer país não pode prescindir de sua Indústria Nacional de Fertilizantes, que deve ser marcada pela presença estatal e por empresas privadas de capital local na produção de matéria-prima e de fertilizantes básicos.

Palavras-chave: fertilizantes, neoliberalismo, soberania alimentar.

Abstract

Despite the demand for fertilizers increasing every year in Brazil, the production of these stocks declines. Since the endorsement of neoliberal policies, the country has faced continuous processes of rising production costs and external dependence. Less than two decades after the application of the neoliberal agenda in the country, only four large business groups share their participation in this industrial complex, controlling approximately 70% of fertilizer production in Brazil. This paper, based on a bibliographic review and analysis of data from official sources, outsets from the hypothesis that sovereign agriculture of any country cannot withhold without its National Fertilizer Industry, which must feature the presence of state and private companies of local capital in the production of raw materials and primary fertilizers.

Key words: fertilizers, neoliberalismo, food sovereignty.

1. Introdução

No Brasil, os fertilizantes estão definidos como “substâncias minerais ou orgânicas, naturais ou sintéticas, fornecedoras de um ou mais nutrientes das plantas”, conforme o Decreto nº 86.955, de 18 de fevereiro de 1982. Eles têm como função repor ao solo os elementos retirados em cada colheita, com a finalidade de manter ou mesmo ampliar o seu potencial produtivo. Seu uso é fundamental para o aumento da produtividade.

Atualmente, a cadeia produtiva de fertilizantes é bastante complexa e envolve o segmento extrativo mineral (que fornece a rocha fosfática, o enxofre e as rochas potássicas), o

segmento que produz as matérias-primas intermediárias como o ácido sulfúrico, o ácido fosfórico e a amônia anidra, e o segmento produtor de fertilizantes simples e pelo segmento produtor de fertilizantes mistos e granulados complexos (NPK). As matérias-primas ainda podem ser obtidas por meio da indústria petrolífera (nitrogenados) ou de atividades de extração mineral (fosfatados e potássicos). (LIMA, 2007).

O Brasil, em um passado recente, instalou e a consolidou uma abrangente indústria química nacional com uma forte ramificação em fertilizantes. Essa indústria específica de fertilizantes desenvolveu-se no Brasil de forma pujante, em razão do aumento da procura por esses insumos. Mas em pouco mais de trinta anos vigorando no país, o neoliberalismo transformou a economia brasileira em um cenário árido para as empresas brasileiras também deste setor. De caráter extremamente estratégico e construída às duras penas, a indústria de fertilizantes se encontra hoje completamente desarticulada, sem rumo e entregue ao arbítrio do Deus-Mercado.

O objetivo deste trabalho é, portanto, demonstrar a importância da retomada de um complexo industrial de fertilizantes no país, liderado pelo Estado Nacional, até mesmo por questão de segurança nacional. As discussões apresentadas pretendem contribuir para o amplo e necessário debate acerca do papel do Estado Nacional nos rumos estratégicos desse importante setor da agricultura brasileira, sobretudo no contexto atual de guerra entre Rússia e Ucrânia - dois dos principais países fornecedores de fertilizantes ao Brasil. A abordagem empírica deste trabalho consistiu em revisão bibliográfica e análise de dados de diversas fontes oficiais.

2. Resultados e discussões

O Brasil ousou a escrever uma rica história na implantação e consolidação de vários complexos industriais destinados à produção interna de matérias-primas e fertilizantes, visando sua soberania alimentar. Páginas e mais páginas, onde o personagem principal foi o Estado brasileiro, foram redigidas por autores desenvolvimentistas, nacionalistas e progressistas, inspirados no pioneirismo de muitos cientistas.

Estes primeiros capítulos da história da indústria de fertilizantes no Brasil foram anotados ainda na década de 1940, a partir do processo de industrialização do país. Eram fábricas que se dedicavam-se exclusivamente à mistura NPK, com base em fertilizantes simples importados. Segundo Brito e Pontes (2010), o incentivo para expandir a produção agrícola foi promovido pelo Governo Federal através do Programa Nacional de Fertilizantes e Calcário Agrícola: “O programa determinava como prioridade o aumento na capacidade de produção de amônia e fertilizantes nitrogenados, de ácido fosfórico e fertilizantes fosfatados”.

Ainda segundo esses autores, em 1965, surgiu o primeiro complexo industrial de fertilizantes no país liderado pelo grupo Ultrafertil. Em 1976, foi constituída a Petrobrás Fertilizantes S.A (Petrofertil), uma subsidiária da Petrobras, cujo objetivo era ser uma referência nessa área, assim como a Petrobras era para a indústria Petroquímica. Assim, o controle da Nitrofertil, criada em 1973 como Petrobras Química Fertilizantes, passou para Petrofertil, sua unidade produtora localizava-se na cidade de Camaçari e produzia amônia e ureia. Através de um decreto o Governo Federal em 1977, a Petrofertil associou-se a Camig (Companhia Agrícola de Minas Gerais), subsidiária do BNDES, com o objetivo de explorar as jazidas de fosfatos em Minas Gerais. Essa união deu origem a Fertilizantes Fosfatados S.A (Fosfertil). A empresa Estatal Vale do Rio Doce também entrou na área de produção de fertilizantes em 1978, com a criação da Mineração Vale do Paraíba (Valep), para a exploração de concentrado fosfático e extração de apatita (BRITO E PONTES, 2010).

De acordo com Profeta e Braga (2011) “até o início dos anos 90, a indústria brasileira de fertilizantes foi marcada por forte presença estatal na produção de matéria-prima e de

fertilizantes básicos fabricados pela Fosfertil e Ultrafertil”. Várias empresas privadas de capital nacional também encontraram solo fértil para se desenvolverem em um contexto nacional desenvolvimentista. Empresas como Manah, Serrana, IAP e tantas outras foram hegemônicas no país.

Mas com a abertura comercial desenfreada promovida a partir da década de 1990, o que se assistiu com a escalada neoliberal foi a liquidação destas empresas, sendo elas absorvidas por multinacionais estrangeiras. Um dos mais recentes episódios deste desmonte da indústria de fertilizantes no país foi anunciado no dia 17 de setembro de 2020, quando a Petrobras anunciou, em fato relevante, a divulgação da oportunidade (teaser) referente à venda da totalidade de suas ações na unidade de fertilizantes Araucária Nitrogenados (Ansa), localizada na Região Metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná. A fábrica, inaugurada em 1982, e que desde 2013 é uma subsidiária integral da Petrobras, tem capacidade de produzir, a partir do resíduo asfáltico (RASf), mais de mil e trezentas toneladas por dia de amônia e 1.975 ton./dia de ureia, de uso nas indústrias química e de fertilizantes.

Menos de duas décadas após a aplicação do receituário neoliberal no país, apenas quatro grandes grupos empresariais dividem entre si a participação nesse complexo industrial, controlando aproximadamente 70% da produção de fertilizantes no Brasil, onde se destaca a Bunge Fertilizantes.

Por sua vez, as fusões e as aquisições realizadas após as privatizações do setor deixaram essa indústria concentrada e liderada por três grupos multinacionais que, dentro de uma estrutura oligopolizada, possuem a capacidade de influir nos preços de mercado desse produto.

Como consequência dos fenômenos apontados, o preço médio dos fertilizantes tem-se elevado desde 1998 e apresenta tendência de alta. A manutenção desse cenário impacta consideravelmente os custos de produção e a competitividade das principais commodities produzidas pelo Brasil, fato que realça a necessidade de se implementarem políticas públicas que minimizem tais efeitos.

Atualmente, o Brasil responde por aproximadamente 8% do consumo mundial de fertilizantes, ficando atrás apenas da China, Índia e dos Estados Unidos (SAE, 2020). Apenas a cultura da soja utiliza mais de 40% desse total.

Em que pese a demanda por fertilizantes aumentar a cada ano no Brasil, a produção destes insumos no país diminui a cada ano. Um processo de desnacionalização desta importante cadeia produtiva vai sendo levado adiante pelos governos neoliberais. A consequência disso é um contínuo processo de elevação dos custos de produção e dependência externa.

De acordo com o ex-ministro da Agricultura no segundo mandato do governo Lula, Reinhold Stephanes, em Audiência Pública realizada em 22 de novembro de 2017 na Câmara dos Deputados¹, o custo dos fertilizantes na produção das principais lavouras do país atinge de 30% a 40% do total, dependendo da cultura e da região. Para Stephanes é necessário um plano nacional cujo objetivo seja o de conter ou minimizar essa dependência que, segundo ele, se transformou em um fator de diminuição da renda do produtor e da competitividade brasileira mas, principalmente, em riscos para a economia brasileira e a segurança alimentar.

Nessa mesma audiência, o pesquisador da Embrapa Carlos Polidoro, ressaltou que o problema dos fertilizantes é uma questão de segurança nacional, pois o país importa mais de 90% do potássio que se consome. Já naquele evento, ocorrido em 2017, o pesquisador alertava sobre os riscos de se acontecer algo na Rússia com impactos diretos no fornecimento de fertilizantes ao Brasil.

¹ Ver mais em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/30098853/dependencia-externa-de-fertilizantes-npk-e-debatida-em-audiencia-publica>.

Em o Atlas do Agronegócio², formulado pelas fundações alemãs Heinrich Boll e Rosa Luxemburgo, é feito um estudo sobre as dez maiores empresas produtoras de fertilizantes do planeta que concentram produção de fertilizantes no mercado. Nenhuma delas é brasileira.

De acordo com números referentes ao faturamento, das dez companhias que controlam o mercado de fertilizantes as quatro maiores estão na América do Norte e são de capital aberto: Agrium, Yara, Mosaic e Potash. Como os dados do Atlas são referentes a 2015, Agrium e Potash são apontadas separadamente. No início de 2018, as duas se uniram sob o nome de Nutrien. De acordo com matéria veiculada no jornal O Globo, intitulada “As dez empresas que controlam o mercado mundial de fertilizantes”³ é revelado que a empresa planeja investir no Brasil em uma tentativa de abocanhar até 30% das vendas de suprimentos agrícolas no país.

3. Considerações finais

É atribuída ao grande mestre da literatura russa e universal, Leon Tolstói (1828 – 1910), a seguinte citação: “A riqueza me faz lembrar o estrume no campo. Quando fica em uma pilha grande, provoca mau cheiro. Mas quando está distribuído por todo o campo, torna o solo fértil”.

A indústria de fertilizantes no Brasil ilustra bem essa narrativa. Concentrada, tal como hoje, escorre seu chorume. Pelo contrário, pulverizada por todo território e patrocinada por um Projeto Nacional de Desenvolvimento, atendendo aos interesses dos agricultores brasileiros, aduba e faz florescer todo um complexo setor produtivo. E é justamente da terra natal de Tolstói que parte a ameaça do colapso de abastecimento de fertilizantes à agropecuária brasileira, em decorrência da crise provocada pela guerra entre Rússia e Ucrânia, que serviu para mostrar a enorme dependência do Brasil na atualidade.

Justamente para amenizar essa vulnerabilidade, faz-se necessário retomar o protagonismo do Estado brasileiro na retomada de um vigoroso projeto nacional de desenvolvimento, que abarque esse importante setor industrial de fertilizantes, com a Petrobras como importante aliada desse processo.

4. Bibliografia citada

BRITO, A. C. F.; PONTES D. L. Indústria química e sociedade. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2010. 116p.

LIMA, P. C. R. Fábrica de fertilizantes nitrogenados e produção de etanol no norte fluminense. Biblioteca Municipal da Câmara dos Deputados. Consultoria – abr. 2007.

PROFETA, G. A.; BRAGA, M. J. Poder de mercado na indústria brasileira de fertilizantes NPK (04-14-08), no período de 1993-2006. Rev. Econ. Sociol. Rural vol.49 no.4 Brasília Out./Dez. 2011.

SAE. Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (Brasil). Produção Nacional de Fertilizantes – Estudo Estratégico. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/assuntos/assuntos-estrategicos/documentos/estudos-estrategicos/sae_publicacao_fertilizantes_v10.pdf. Acesso em abr. 2023.

² Ver mais em: <https://br.boell.org/pt-br/atlas-do-agronegocio>. Acesso: abr. 2023.

³ Ver mais em <https://oglobo.globo.com/sociedade/as-dez-empresas-que-controlam-mercado-mundial-de-fertilizantes-2304007>. Acesso: abr. 2023.